

Toda a estrutura do seu trabalho repousa nos alícerces da fé, que lhe tem sido a alavanca propulsora para prosseguir e não esmorecer jamais.

Esse profundo sentimento é que lhe dá a certeza de que apesar de tudo vale a pena continuar. Vale a pena sofrer e chorar para conquistar o futuro de paz que se anuncia. Esse futuro que se vai tornando presente para Chico Xavier, pela constância e abnegação totais no trabalho do Bem.

A fé está na vanguarda. E a conquista desse amanhã feliz, no hoje sombrio e sofrido, é a própria fé em ação.

As lutas serão vencidas sempre. Os anos dobraram-se e Chico Xavier caminha resoluto, entrando no futuro que para ele já amanheceu.

“(...) Esperemos em Deus, meu caro, tudo continue em paz em nosso campo de ação.
O trabalho exige harmonia para erguer-se!
Muito agradecido pela remessa das duas páginas finais do “Ave”. Li-as e reli-as, atentamente, e reconheço não precisar acrescentar coisa alguma às notas felizes de tua revisão. Diz o nosso Emmanuel que o livro, como uma sinfonia — precisa terminar bem. E tal qual está em tua revisão, o “Ave” está muito bem rematado. Nossos Amigos Espirituais me explicam que há certa poesia musical na prosa, a que não devemos fugir, e as duas páginas com os teus apontamentos ficaram muito harmoniosas, afirmando-me Emmanuel que devem ser incluídas assim como m’sas enviaste. (...)”

Trabalho exige harmonia. — «Ave, Cristo!»

24 — 9 — 1953

“(...) Esperemos em Deus, meu caro, tudo continue em paz em nosso campo de ação.

O trabalho exige harmonia para erguer-se!

Muito agradecido pela remessa das duas páginas finais do “Ave”. Li-as e reli-as, atentamente, e reconheço não precisar acrescentar coisa alguma às notas felizes de tua revisão. Diz o nosso Emmanuel que o livro, como uma sinfonia — precisa terminar bem. E tal qual está em tua revisão, o “Ave” está muito bem rematado. Nossos Amigos Espirituais me explicam que há certa poesia musical na prosa, a que não devemos fugir, e as duas páginas com os teus apontamentos ficaram muito harmoniosas, afirmando-me Emmanuel que devem ser incluídas assim como m’sas enviaste. (...)

Minha referência ao “Parnaso” em carta última foi feita porque eu havia pedido a Emmanuel estudássemos um recurso de retirar algumas das produções do livro referido, que julgo menos compatíveis com a respeitabilidade de nossa Consoladora Doutrina. Pensei me houvesse comunicado contigo, acerca do assunto, em correspondências anteriores. Nosso orientador espiritual, porém,

conforme notifiquei na missiva última, julga devamos deixar o "Parnaso" tal como está, de modo a não atraímos qualquer nova faixa de incompreensão. Aguardemos mais tempo. (...)"

"O trabalho exige harmonia para erguer-se."

Chico busca a harmonia para trabalhar em paz. Nessa pequena fase, entre a carta anterior e esta, nota-se que está havendo relativo sossego na vida de Chico Xavier. Tem ele uma trégua para refazer-se e dar continuidade à tarefa.

Poucos períodos de tranqüilidade entremeiam as suas lutas. Não fosse a sua própria *harmonia interior* e as suas atividades teriam sido interrompidas a cada passo.

Se ele se deixasse dominar pelo desânimo, se ele esmorecesse a cada embate, não teríamos hoje esse acervo magnífico de obras a enriquecer o nosso movimento espiritista.

O trabalho exige harmonia para ser realizado e Chico Xavier tem-na dentro de si mesmo, como fruto abençoado de suas conquistas pessoais, ao longo de sua trajetória evolutiva.

Chico recebe de Wantuil as duas páginas finais do livro "Ave, Cristo!" com a revisão.

E como recomenda o autor espiritual: "o livro, como uma sinfonia, precisa terminar bem." Reconhecemos, pela leitura das páginas finais desse último livro da série romana de Emmanuel, que, realmente, elas são de uma beleza sublime.

— "Ave, Cristo! os que *aspiram à glória de servir* em teu nome te glorificam e saúdam!" — coloca o autor espiritual em sua bela introdução. (Grifo nosso.)

Verifica-se aí, com o emprego dos verbos *aspirar* e *servir* uma promessa e uma esperança.

No início da narrativa, Quinto Varro encontra-se com o filho amado, Taciano, no plano espiritual. Almeja, então, que ao findar-se o prazo de lutas terrenas que ambos terão de enfrentar, e no qual ele se sacrificaria em benefício do filho, este pudesse dizer:

“— Ave, Cristo! os que vão *viver para sempre* te glorificam e saúdam!...” (Grifo nosso.)

Nesta colocação, o *viver para sempre* está significando a realização de todas as promessas e esperanças, as quais, ao final do romance, realmente se cumprem, à custa de muitas experiências dolorosas para Taciano, que se manteve quase todo o tempo recalcitrante entre a adoração enceguecida aos deuses pagãos e a lógica do amor que o Cristo apresentava.

Como bem deseja Emmanuel, o livro termina como uma belíssima sinfonia, cujos acordes finais sensibilizam e comovem.

Para esse final, Wantuil de Freitas colabora com a sua revisão lúcida e sensível.

"Ave, Cristo!" merece ser lido. Em suas páginas, na linguagem formosa e elevada de Emmanuel, viajamos através dos tempos e encontramos o Cristianismo vicejando na cidade de Lião, em seus primeiros passos e em sua primitiva pureza.

Na parte final Chico menciona a carta anterior (de 10-9-1953), esclarecendo a referência que fizera sobre "Parnaso".

Muito interessante a observação feita por ele de que considera algumas das produções dessa última obra "menos compatíveis com a respeitabilidade de nossa Consoladora Doutrina". A esse respeito comentaremos mais adiante, na carta de 18-6-1954.